

A Espada de Alexandre,
ou de como se articulam o génio, o homem e o tempo

Ana Luisa Sonsino

Introdução

A Espada de Alexandre é um opúsculo camiliano que, até há pouco tempo, não tinha sido alvo de grande atenção por parte dos estudiosos. De facto, se for lida só ou dentro da colectânea que a recolheu na sua segunda edição, o leitor certamente não conseguirá aperceber-se de tudo o que a passagem do tempo escondeu dos seus olhos: será sensível ao humor corrosivo de Camilo mas escapar-lhe-ão muitas referências da época sobre as quais ele construiu a sua sátira, perdendo assim grande parte da riqueza e do que de interessante ela tem.

Em 1872, um crime passionai que suscitara grande polémica esteve na origem de um fogo cruzado de panfletos e artigos jornalísticos que pugnaram por dirimir duas questões particularmente sensíveis para o escritor de Seide: devia ser punida a mulher adúltera? E o marido que fizesse “justiça de mão própria”? A leitura desses panfletos, assim como dos artigos de algumas publicações da época, permitem perceber melhor a discussão e o clima socio-histórico em que a obra se inscreveu. Por outro lado, visitar alguns pormenores biográficos tanto de Camilo como de certas pessoas que lhe eram caras possibilita abordá-la tendo sempre em mente o Camilo-homem e não apenas o Camilo-escritor. A conjugação dos resultados destes dois exercícios oferece esclarecimentos interessantes acerca da peculiar estrutura e formalização discursiva desta obra, assim como de outros aspectos que rodearam a primeira edição.

A Espada de Camilo

A Espada de Alexandre, de Camilo Castelo Branco, é uma obra de apenas 50 páginas cuja primeira edição, publicada sob pseudónimo, tem o aspecto típico das publicações de literatura de cordel. Talvez por isso, até há pouco tempo não tinha sido alvo de grande atenção por parte dos estudiosos. Aparentemente, o maior interesse que revestia esta pequena obra era que dela se conservava, na Casa Museu de São Miguel de Seide, um seu manuscrito que, no entanto, acreditava-se estava incompleto.

De facto, se for lida só, desconhecendo o "caldo de cultivo" literário que lhe deu origem, *A Espada* suscitará sem dúvida uns quantos sorrisos no leitor, por momentos deixar-lo-á confuso e, finalmente, ficará na sua memória como apenas mais um pequeno texto não narrativo em que Camilo mostra o seu humor corrosivo e atemporal. Atemporal? Sem dúvida nenhuma é o que a pena magnífica do escritor nos faz acreditar se, desconhecedores de alguns pormenores do contexto sócio-histórico em que surge *A Espada*, apenas a pudermos interpretar com o que (em maior ou menor medida) conhecemos da vida de Camilo e dos usos e costumes da época.

Decidi trabalhar com *A Espada* na minha tese de mestrado em Crítica Textual justamente por ser, como assinaliei anteriormente, uma das poucas obras camilianas de que se possui manuscrito autógrafo e, ainda, duas edições impressas em vida do autor e por ele revistas. Isto, entre outras características, tornavam a obra num objecto de estudo interessante. No referido trabalho, pude apurar algumas particularidades do manuscrito que o permitiram classificar como um rascunho: o primeiro rascunho camiliano que chega até nós para ser estudado. Um verdadeiro e fantástico achado para quem está a trabalhar na sua tese de mestrado. Contudo, não é este facto, certamente muito interessante, o que nos ocupará nesta ocasião, pois esta não foi a única surpresa com que me presentearia *A Espada*.

Com efeito, no decurso do trabalho comentei necessariamente o contexto histórico, social e cultural que deu origem ao opúsculo sem, contudo, o analisar detalhadamente. Porém, foi ao estudá-lo que pude começar a perceber como se teceram, nem sempre voluntariamente, os fios que deram origem à trama desta pequena obra que agora cobrava outra dimensão aos meus olhos: certas ironias adquiriram um sentido completamente diferente, frases que pareciam completamente banais deixaram de o ser e, sobretudo, a sensação de confusão ao finalizar a leitura da obra ficava completamente explicada (e justificada). Até o facto de a primeira edição ter sido publicada sob pseudónimo adquiriu um novo significado. Por isso, o tema que deu mote ao Congresso em que fora apresentada esta comunicação parece pensado de propósito para aprofundar, agora sim publicamente, este aspecto particular da génese d' *A Espada*: como se articularam nela o Homem, o Génio e o Tempo.

Um triângulo de triângulos

Para conseguir atingir o objectivo desta breve análise, terei de começar necessariamente por contar algumas “coscuvilhices”. Peço desculpas desde já pelo termo pouco académico, mas

sendo que na origem d' *A Espada* temos uma espécie de triângulo de triângulos amorosos, ele vem mesmo a calhar.

Em 1869, a família de Denise MacLeod, uma bela jovem de apenas 19 anos, decidiu que esta se uniria a Arthur Le Roy Dubourg num típico matrimônio por conveniência da França de aqueles anos. O homem, de boa família e com posses suficientes como para se tornar “interessante”, era contudo bastante rústico e, o pior e o que ninguém levou em conta, não era a pessoa por quem Denise estava apaixonada. Porque, sim, ela estava apaixonada por outro homem: o Conde de Précorbin, que tinha título nobiliário e o amor da moça, mas não tinha dinheiro.

Já temos, pois, os elementos todos que são precisos para uma tragédia se desencadear, e ela não se fez esperar. Apenas seis meses depois de celebrado o casamento, MacLeod pediu por escrito a separação legal ao marido. Dubourg recusou o pedido, mandou-a internar numa clínica mental para tratar a sua alegada insânia e uniu-se ao exército francês. Ela percebeu que deveria tentar reconciliar-se com ele se queria sair daí alguma vez e, enquanto Dubourg esteve no campo de batalha, intercambiaram uma correspondência amistosa. Quando ele voltou da guerra, retomaram a vida em comum e foi nessa altura em que nasceu o único filho do casal. No entanto, MacLeod ficou com sequelas do parto que levaram os cônjuges para Paris¹. Passado algum tempo, Dubourg começou a suspeitar da esposa e, conjuntamente com uma sua ex-amante, desenvolveu um plano para averiguar se MacLeod ainda tinha algum tipo de relacionamento com Précorbin. Assim, alugou para sua mulher um pequeno quarto mobilado (propriedade da ex-amante) onde lhe disse que poderia viver sozinha como há tanto desejava. Por outro lado, contratou investigadores privados para a vigiarem enquanto a ex-amante (para ela apenas o Senhorio) ganhava a confiança de MacLeod e averiguava os pormenores da sua relação com o jovem Conde². Finalmente, no dia 21 de Abril de 1872, Dubourg irrompeu pelo quarto onde se encontravam os amantes e, enquanto Précorbin fugia pelos telhados das casas vizinhas, Dubourg atacava MacLeod repetidamente com uma espada de bengala. Após lhe desferir no mínimo 15 facadas, Dubourg desceu as escadas, informou o porteiro do que tinha feito, apanhou um táxi e foi entregar-se à polícia. Antes de ser transferido para ficar a disposição do juiz, ainda foi jantar abundantemente com o oficial que o estava a guardar. Foi libertado sob fiança³.

¹ V. Guimerá, “Hombres y mujeres”, pp. 123-39.

² C. McLeod, *Louisa S. McCord*, pp. 67-8 .

³ E. Vizetelly, *Republican France, 1870-1912*, pp. 120-1.

Entretanto, ela foi transferida a um hospital, onde morreu poucos dias depois, não sem antes assinar uma declaração em como o seu marido tinha toda a razão por a tentar matar, uma vez que ela merecia esse destino⁴. Tinha apenas 22 anos.

Tudo parecia correr como habitualmente nestes casos. No entanto, após o julgamento, a corte pronunciou um veredicto sem precedentes: achou Dubourg culpado, embora com atenuantes, e condenou-o a cinco anos de reclusão absoluta, pena que foi comutada pouco depois por cinco anos numa prisão normal, para que pudesse ser visitado pelo filho⁵.

O caso Dubourg teve uma enorme repercussão na sociedade parisiense da época logo desde o início: a imprensa discutiu muito acerca da culpabilidade ou inocência do marido traído, e consequentemente acerca de se devia ou não ser punido⁶ (não devemos esquecer que, nessa época, ainda vigorava uma lei que permitia ao marido assassinar a sua mulher se a apanhasse a cometer adultério, desde que isso acontecesse em circunstâncias bastante específicas).

Foi no contexto desta discussão que, em Maio de 1872, Henri D'Ideville publicou um artigo de opinião no *Soir* que espoletou a longa e taxativa resposta de Alexandre Dumas Filho, originalmente publicada no *L'Opinion*, sob o título de *L'Homme-Femme*⁷. No seu artigo, D'Ideville conclui que a mulher adúltera deve sim ser punida mas que o marido devia perdoar-lhe a vida⁸. Dumas não responde apenas mas ainda contesta os argumentos de D'Ideville numa longa “carta”, onde finalmente afirma que, se tivesse um filho e ele fosse traído pela sua mulher, o conselho que lhe daria seria taxativo: “Mata-a!”⁹. É com essa exclamação que termina o panfleto que em Portugal foi publicado como *O Homem-Mulher*, e que na França teve 39 edições¹⁰. Curiosamente, é nesta obra que se utiliza pela primeira vez a palavra *feminista* (Alexandre Dumas até se desculpa pela utilização do neologismo) para designar quem considerava que as mulheres tinham os mesmos direitos do que os homens e deviam ser educados da mesma maneira¹¹.

Dumas recebeu, por sua vez, múltiplas respostas dos seus contemporâneos. Até ao mês de Agosto de 1872 foram publicados em França sete livros (na sua maioria também com formato de carta) dirigidos ao autor de *L'Homme-Femme* e que continham no seu título alguma dessas

⁴ E. Ferguson, *Gender and Justice*, p. 128.

⁵ C. McLeod, *Louisa S. McCord*, p.68.

⁶ E. Vizetelly, *Republican France*, pp.122-3.

⁷ E. Ferguson, *Gender and Justice*, p. 129.

⁸ H. D'Ideville, *O marido que mata*.

⁹ A. Dumas Filho, *O Homem-Mulher*, tradução de Santos Nazaré.

¹⁰ C. McLeod, *Louisa S. McCord*, p. 70. E. Vizetelly, em *Republican France* (p. 122), refere 10 edições em apenas duas semanas.

¹¹ A. Dumas, *L'Homme-Femme*, p. 91.

palavras ou faziam referência expressa ao adultério¹². Mas as respostas não se limitaram à França. Em Portugal, onde foram publicadas várias edições d'*O Homem-Mulher*, e ainda o artigo de D'Ideville e várias das respostas antes mencionadas, os escritores da época - incluindo autores como Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão¹³ - não se privaram de entrar na refrega. Camilo também não.

O tema central desta polémica era, como é sabido, uma questão muito sensível para o nosso escritor. Não é preciso ser camiliano para saber alguns pormenores acerca da sua relação com Ana Plácido, ou que esteve preso na Cadeia da Relação do Porto após terem sido denunciados pelo marido dela, justamente por adultério.

Já é preciso indagar algo mais para descobrir que, em 1861, estando Camilo preso e a poucas semanas de ser julgado, foi publicada a sua primeira biografia. Escrita por José Cardoso Vieira de Castro, que pretendia com ela ajudar o seu amigo em desgraça, o autor defende que o verdadeiro culpado pelo inevitável desfecho da história de amor do par adúltero era o pai dela, que a tinha obrigado a casar, apenas por interesse, com um homem a quem não amava¹⁴. Acerca deste livro, sob o pseudónimo de *Felizardo*, Camilo escreveria, na altura da sua publicação, que esta obra era corajosa “nos arremessos a uma certa moral que se dói de reumatismo ao menor encontro que sofre”¹⁵. Contudo, nove anos mais tarde, essa coragem teria um custo altíssimo para Vieira de Castro. Numa reviravolta irónica do destino, a 9 de Maio de 1870, o primeiro biógrafo de Camilo assassinaria Claudina, sua mulher, para limpar a sua honra. Dois dias antes, tinha-a encontrado a escrever um bilhete para o seu amante (José Maria de Almeida Garrett, que, dito seja de passagem, partiu no mesmo dia com destino a Paris para entrar num convento jesuíta). No dia a seguir, entregou-se à polícia e foi a julgamento, onde um dos elementos que pesou fortemente contra ele foi justamente a mencionada biografia (mas não apenas pela defesa que nela fez do casal de Seide). Finalmente, foi condenado ao degredo¹⁶ e, em Outubro de 1872 (um mês depois de publicada *A Espada*), morreu em Luanda.

A implosão do texto: uma saída genial e inesperada

¹² E. Ferguson, *Gender and Justice*, p.129.

¹³ Ramalho Ortigão e Eça de Queirós publicaram um artigo de 32 páginas, sem título, n'*As Farpas*, no número correspondente aos meses de Setembro a Outubro de 1872.

¹⁴ M.Oliveira, *Os Biógrafos de Camilo*, pp. 12-29.

¹⁵ A. Cabral, *Dicionário de Camilo*, "Felizardo", p. 266.

¹⁶ *Processo e Julgamento de José Cardoso Vieira de Castro*, *passim*.

Tínhamos, portanto, por um lado, a Europa inteira (e não só)¹⁷ a debater de forma acesa o adultério, o castigo que deveria sofrer (ou não) a mulher adúltera, o direito que o marido tinha de a matar caso a encontrasse *in flagrante delicto* e, pelo outro, um homem que cometera adultério com a mulher com quem chegou até ao final dos seus dias, profundamente magoado pelo facto de um amigo seu ter sido condenado ao degredo justamente por assassinar a sua mulher por cometer adultério (com todos os agravantes da situação antes descritos). Grande parte do debate decorria no âmbito literário, sob a forma de panfletos em formato de carta. Este homem, certamente em conflito devido às emoções ambíguas que esta polémica lhe deveria suscitar, era um escritor reconhecido. Não podia deixar de intervir, mas como fazê-lo sem “trair” nem o Felizardo nem o amigo degredado? Só a sua pena, tão brilhante como corrosiva, podia, permitam-me a expressão, “descalçar a bota” da maneira que o fez: escrevendo *A Espada*, um texto polémico, mas não apenas de polémica.

Com *A Espada*, Camilo pretende pôr fim à discussão em que intervém, o que fica evidenciado logo no título com que o opúsculo viu a luz: *A Espada de Alexandre. Corte profundo na questão do Homem-Mulher e Mulher-Homem*. Assim, logo à partida, o escritor faz referência ao crime, ao autor que deu origem à discussão escrita e às respostas que surgiram, jogando ainda com a polissemia do termo cortar, uma vez que faz referência não só à maneira como foi cometido o crime mas ainda ao facto de ele achar que, depois de conhecido o seu texto, a questão ficava resolvida. Mas como é que ele conseguiria acabar com tamanha controvérsia? Utilizando duas armas que ele dominava como ninguém: a paródia e a sátira. E, logo desde o início dá sinais de que não irá atacar com elas apenas o Dumas, mas também todas as vozes que em França se levantaram para o contestar.

N’*A Espada*, Camilo não se limita a parodiar o livro de Alexandre Dumas, seguindo a sua estrutura e o seu padrão argumentativo, mas ainda satiriza, quase um a um e, sempre que possível, com nome e apelido, os autores que se pronunciaram contra *L’Homme-Femme*, sobretudo àqueles que poderiam ser considerados “feministas” e descarrega o seu sarcasmo sobre os preceitos de instituições bem reputadas na altura, como a Igreja Católica. Assim, num estilo complexo e pouco vulgar para a sua época, o autor consegue um efeito perturbador para o leitor: ao parodiar um e ao satirizar os outros expropria o sentido de todos os textos, também daquele que tem nas mãos e que implode ante os seus olhos incrédulos. Eis a fonte da sensação de confusão de que vos falava ao começar este texto.

¹⁷ Para avaliar o impacto que teve o caso fora da Europa na altura do crime, sirvam de exemplo as notícias não assinadas publicadas no *Chicago Tribune* (nº 323, 3 de Julho de 1872, p. 2) e no *Diário de Notícias – Rio de Janeiro* (nº 498, 7 de Junho de 1872, p.2).

A Espada de Alexandre é, sem dúvida nenhuma, uma faca de dois gumes com que o escritor de Seide deu uma estocada às vozes de todos os que intervieram na polémica, incluída a própria, tentando desse modo acabar com uma controvérsia que lhe era particularmente incómoda, e, ainda, é uma amostra de como até nas produções aparentemente mais circunstanciais podemos ser surpreendidos pela genialidade com que Camilo dá voz ao homem em perfeita sintonia com o seu tempo e, ainda, com o nosso.

Bibliografia

[CASTELO BRANCO, Camilo,] *A Espada de Alexandre. Corte profundo na questão do homem-mulher e mulher-homem*, por Um Socio Prendado de Varias Philarmonicas, Porto, Typographia da Casa Real, 1872.

CABRAL, Alexandre, *Dicionário de Camilo*, 1ª ed., Lisboa, Caminho, 1988.

D'IDEVILLE, Henri, *O marido que mata e o marido que perdoa. Os reis d'aldêa. Precedido d'uma carta a Alexandre Dumas filho*, versão de Gervásio Lobato, Lisboa, Imprensa de J.G. de Sousa Neves, 1872.

DUMAS, Alexandre, *L'Homme-Femme, Réponse a M. Henri D'Ideville*, 26ª edição, Paris, Michel Lévy Frères Éditeurs, 1872.

DUMAS Filho, Alexandre, *O Homem-Mulher*, tradução de Santos Nazaré, Lisboa, P. Plantier & C.ª, 1872.

FERGUSON, Eliza E., *Gender and Justice*, Maryland, The Johns Hopkins University Press, 2010.

GUIMERÁ, Vicente, “Hombres y mujeres”, *Matrimonio, Adulterio, Divorcio*, Tomo II, Madrid, Zaragoza y Jaime Editores, 1873, pp. 117-222.

MCLEOD, Cindy A., *Louisa S. McCord and the «Feminist» Debate*, Electronic Theses, Treatises and Dissertations, The Florida State University, 2011, <http://diginole.lib.fsu.edu/etd> (04-07-2015).

Notícia não assinada, *Chicago Tribune*, nº 323, 3 de Julho de 1872, p. 2.

Notícia não assinada, *Diário de Notícias – Rio de Janeiro*, nº 498, 7 de Junho de 1872, p.2.

OLIVEIRA, Maria A. Nazaré de, *Os Biógrafos de Camilo*, Tese de doutoramento apresentada à Universidade Nova de Lisboa em 2010, disponível em:

http://run.unl.pt/bitstream/10362/5568/1/Biografos_Camilo.pdf (08-07-2015).

ORTIGÃO, Ramalho e Eça de Queiroz, Artigo sem título publicado n' *As Farpas*, n° correspondente aos meses de Setembro a Outubro de 1872, pp.3-35.

Processo e Julgamento de José Cardoso Vieira de Castro, Lisboa, Imprensa Nacional, 1870.

VIZETELLY, Ernest A., *Republican France – 1870-1912 – her presidents, statesmen, policy vicissitudes and social life*, Londres, Holden & Hardingham, 1912.